

Imízcoz Beúnza, José María; García Fernández, Máximo; y Ochoa de Eribe, Javier Esteban (coords.), *Procesos de civilización: culturas de élites, culturas populares. Una historia de contrastes y tensiones (siglos XVI-XIX)*, Bilbao, Universidad del País Vasco, 2019, 328 págs. ISBN: 9788413190310

Procesos de civilización é um livro resultante de trabalhos que se desenvolvem, ou com eles estão conectados, no âmbito dos projectos “Familias, cultura material, apariencia social y civilización. Identidades y representaciones en el interior peninsular (1500-1850)” [HAR2017-84226-C6-4-P], “Los cambios de la modernidad y las resistencias al cambio. Redes sociales, transformaciones culturales y conflictos, siglos XVI-XIX” [HAR2017-84226-C6-5-P] ambos do Ministerio de Economía y Competitividad del Gobierno de España e “Sociedad, poder y cultura (siglos XIV a XVIII)” [IT 896] do Grupo de investigación del Sistema Universitario Vasco.

Publicado em 2019, o livro tem uma qualidade de fundo que, desde logo, se deve aqui registrar, uma incontestável unidade na atitude narrativa. Esta unidade é conseguida por uma integração de linguagem, de notificações remissivas ou bibliográficas, e pela construção, expressa ou implícita, no corpo escrito, de blocos de questões desenhadas com cuidado laboratorial. Assim, a unidade conseguida foi construída de forma dinâmica pois, entre notificações e questões, criaram-se linhas de mediação que assentam numa linguagem bastante compartilhada entre os intervenientes. Desta preocupação resulta um trabalho com uma unidade de assunto e clareza de objectivos, de fronteiras geograficamente circunscritas nos casos de exemplificação, com uma preocupação constante colocada no estado da arte bibliográfico e no relançar de novos olhares documentais, outros documentos e outras atitudes de leitura. Nesse sentido de abertura laboratorial um elemento enriquecedor do livro são as referências bibliográficas agrupadas no final de cada artigo (pp. 70-72, 94-98, 125-129, 148, 162, 188-189, 210-212, 234-236, 326-328). Pode dizer-se que *interrogar* é a atitude de fundo que norteia esta investigação perspectivada.

Tendo por partida toda esta constatação a nota de leitura vai construir-se com base em dois momentos recolhidos no próprio livro. Uma descrição, analítica e sucinta, dos estudos componentes das suas três partes: “¿Vestir a la antigua, pensar a la antigua? El vestido como símbolo civilizador” (pp. 23-129); “Comportamientos civilizados: la morada, la mesa, la música y la celebración” (pp. 131-236); “Contrastes y tensiones” (pp. 237-328). Depois, uma conclusão alargada, a partir dos blocos de questões previamente determinadas nos diferentes estudos de caso e na apresentação do volume que, sob o título “Algunas consideraciones acerca de los modelos civilizadores: hacia una lectura social de la gestación y difusión de *la civilización*” (pp. 9-22), estabelece contornos historiográfico-teóricos comuns a todos os estudos.

A primeira aproximação ao tema nasce da exploração das relações sociais, antagónicas ou afirmativas presentes nas ligações das formas de vestir com as formas de

pensar. A escolha não é um novidade, mas é uma abertura segura. As questões que atravessam estas páginas nascem de duas posições claras. A primeira, procura determinar a justeza social exterior que o vestir encerra, mas, e bem, a segunda posição, visa actualizar bibliográfica e documentalmente o tema, no que concerne aos problemas e análises dos dinamismos sociais que aqui se impõe tratar.

Máximo García Fernández (pp. 25-49) preocupa-se com o grau de penetração social das novidades numa relação com os avanços da moda, com a produção têxtil e com a reutilização das vestes. Ao mesmo tempo, cidade e campo, cidades portuárias e Madrid, misturam-se em significações de reconhecimento social.

Arianna Giorgi (pp. 51-72) permite-se circunscrever o seu espaço ao Madrid borbónico e aproximar-se de dois tipos, de imediato consagrados na crítica social e, depois, encorpados etno-politicamente, o petimetre e o majó. Desde logo colocados perante a dicotomia de mítica político-nacionalista, afrancesado e castiço, a sua fortuna seguinte foi larga e com variações. Interessa-lhe ressaltar, mais do que a tipologia e sua constituição, o que também aqui aflora, os contornos sociais, os contornos dos grupos sociais que vestem estes dois modelos de representação exterior. São importantes todas as linhas dedicadas às permeabilidades ascendentes e de transmissão de modelos capazes de gerar gostos novos.

O ensaio de Javier Esteban Ochoa de Eribe (pp. 73-98) baseia-se num eloquente e dinâmico percurso de clarificação do conceito, e das práticas sociais, de um travestimento social, com implicações num espelhismo social, que, como se mostra, pode ser olhado como um sintoma de processos civilizadores. Sendo esta, só por si, uma interessante proposta de reflexão, ela ganha ainda mais brilho ao fazer-se a sua abordagem a partir da discussão de tipologias documentais que permitem desbloquear conjunturas temporais tidas por finais e estanques, por exemplo, a Ilustração.

Por sua vez, Álvaro París Martín (pp. 99-129) conclui este debate, ainda no Madrid da centúria de 1750 a 1840, mas conjugando usos de vestir nos grupos do povo urbano e deixando que estes se cruzem com politização e alguns dos seus afloramentos em motins. Cores, facções ideológicas, bairros e ruas, peças de indumentária, novos hábitos de sociabilidade e documentos visuais, procuram traçar linhas possíveis de aproximação a uma compreensão de práticas de politização de grupos urbanos longe de chavões como afrancesados, realistas, liberais e outros.

São cinco os estudos que compõem a segunda parte do livro. Agora é nos comportamentos tidos por civilizados que se centra a atenção através de quatro tópicos, convergentes mas relativamente dispersos: a habitação, o estar à mesa, o uso da música e a celebração. Talvez que esta multiplicação de focos de observação, mas também a atitude de aproximação aos casos, nalguns deles muito inventariante ou, se se quiser, enumerativa, conduza a que esta parte, como um todo e não individualmente, seja a menos conseguida das três.

A habitação merece a atenção de Caroline Le Mao (pp. 133-148) e de Natalia González (pp. 149-162) em duas abordagens geo-temáticas distintas. No primeiro caso a preocupação situa-se numa pequena mancha social, os parlamentares de Bordéus no tempo de Luís XIV, na sua procura de identificação social exterior pelos castelos e as imagens que eles inspiravam como edificadas de poder e de afirmação de memórias familiares. Debate-se o sistema de valores implícito na posse dos castelos, o poder que nasce de aí se habitar e a memória, existente ou em construção, dos “nobres” parlamentares. Afinal, o edificado como gerador de poder simbólico civilizado. No caso de Natalia González o centro está na corte, a corte de Madrid

de setecentos, e no grupo de oficiais superiores que a servem e com ela capitalizam e, mais que o olhar sobre o edificado, a sua atenção volta-se sobre a vivência social de representação que o habitar acarreta, fazendo-se percursos até ao interior das habitações. Esta observação podia ter possibilitado, com facilidade, o questionar da abrangência do exterior/público e a sua conexão com o interior/privado, tema apenas indirectamente aflorado.

O estar à mesa, essa civilidade que tão facilmente convoca realidades do processo de civilização, e que, desde Elias, vem merecendo análise e acumular de estudos, teve a atenção de María de los Ángeles Pérez Samper (pp. 163-189) que, como bem ciente do tema, reduziu a sua observação a um corpo de tratados/manuais do período moderno espanhol. O percurso faz-se de forma temático-cronológica, não esquecendo algumas aplicações práticas, da corte à educação, terminando nas ambiências burguesas.

Não é muito habitual reservar à música um papel diferenciador como o realizou Carolina Queipo Gutiérrez (pp. 191-211) no respeitante aos mercadores financeiros de A Coruña na Espanha de Fernando VII. Tomando por corpo a música “séria” de audiência em salão ou em sala de concerto, e procurando nas casas destes endinheirados coleções de pautas, a autora consegue deixar claro como estes corpos sociais ascendentes fizeram do seu uso um meio de integração e de afirmação de topo na cidade.

Pauline Valade (pp. 213-236) volta ao Paris do século XVIII para tentar perceber como o gosto e participação do povo nas festas de carácter comemorativo, montadas pelo rei e pela corte, podem ser um mecanismo do processo civilizatório. Processo que é, muitas vezes, dirigido e tutelado. Espaço urbano, festa e espectáculo, objectos de festa e gestos, permitem perceber mecanismos de civilizar o povo em benefício dos laços exteriores de fidelidade ao rei.

Chegados à terceira parte, a proposta apresentada no título atira, de imediato, para uma finalização estrutural. Esta finalização foi entregue a dois autores que, em três capítulos, aproximam o leitor a alguns dos “contrastes e tensões” que os processos de civilização acarretam.

Em espaço basco nos séculos XVIII e XIX são dois os estudos que José María Imízcoz Beunza (pp. 239-267 e 269-308) nos apresenta. Ambos muito interessantes e diferentemente direccionados. No primeiro, a condução foi entregue a uma aproximação à construção social do “bom gosto”, a partir de realidades materiais nas habitações. O estudo parte de uma metodologia, que o autor gosta de chamar de história diferencial, e procura investigar a interacção entre redes sociais abertas capazes de se expressar em modas, usos, “tradição”, diferentes línguas, cosmopolitismo e realidades locais e regionais, numa aproximação ao “bom gosto”. A segunda aportação recoloca grandes problemas de base social e de taxonomia social como têm vindo a ser aflorados no livro. A aproximação à formação de elites civilizadas e às suas sociabilidades quotidianas e de festa ou à representação comunitária, com base em exemplos parcelares mas muito expressivos, permitem uma conclusão. Escreve José María Imízcoz Beunza, “Nuestra experiencia demuestra que no vale con hablar genéricamente de ‘élites’, de ‘nobleza’ o de ‘burguesía’, ya que estas categorías analíticas, empleadas habitualmente, no corresponden a la observación empírica” (p. 271).

O último estudo fica a dever-se a Michel Figeac (pp. 309-328) que, num texto curto, problemático e de síntese, traça um cenário de possíveis interacções entre as

dinâmicas de estudo dos processos civilizatórios e as metodologias e aportações de uma renovada história dos objectos e do seu consumo social, tal como vem sendo proposto pelas investigações de cultura material.

A conclusão a retirar do conjunto de estudos que dão corpo ao livro pode colocar-se sob um largo arco que se pode reduzir a um denominador comum, o da declinação social. Declinar, por alargamento, as bases e os topos sociais, não esquecendo fazê-lo na intermediação ascendente e descendente que os projecta mutuamente em processos dinâmicos de civilização.

Neste destaque conclusivo impõe-se salientar o peso significativo do referido alargamento. Pelo posicionamento, assumido nos diferentes casos de estudo, apercebe-se uma metodologia de revisão historiográfica da descrição e caracterização dos grupos sociais nos seus diferenciados processos de civilização. As aproximações são mais finas e mais comprometidas com as bases documentais, ao mesmo tempo que mais libérrimas de taxonomias de grupos sociais muito habituais e recorrentes na historiografia.

O muito rico ciclo de questões que atravessa todo o volume e que permite, encontrar nele uma das razões da sua unidade (pp. 10, 11, 12-19, 25, 27-29, 32-33, 36, 39, 43, 51, 58, 73, 99, 133-136, 142, 146, 242, 252, 267, 326) merece ser lido com cuidado e atenção. O que agrupa estes trabalhos, enquanto análises de processos de civilização, fica bem evidente nas questões que os norteiam e que se podem encerrar em quatro grandes grupos. Um primeiro visa compaginar propostas historiográficas de estabelecimento de processos de civilização mais ou menos conhecidos, tal como resenhados na introdução (pp. 9-19), com casos bem determinados e caracterizados. Em paralelo, um segundo, visa acrescentar, comentar ou corrigir aspectos parciais ou problemáticos nas propostas resenhadas. Ao terceiro respeitam as questões que procuram acentuar novas metodologias de análise documental, de interpretação textual ou transdisciplinar, e reavaliar a operacionalidade de taxonomias sociais, suas cronologias e espacialidades, para serem capazes de enriquecer o estudo das construções daqueles processos. Por último, o quarto, envolve todas as questões de estudo do caso em análise e interpretação, sempre focado na detecção de elementos aferidores do processo de civilização.

Por fim, há que voltar ao início do livro.

Nessa conclusão introdutória, José María Imízcoz Beunza, Máximo García Fernández e Javier Esteban Ochoa de Eríbe aportam um conjunto de dados e de reflexões que permitem orientar leituras e, sobre tudo, apontar conclusões que mais não são do que o esboçar com enorme amplitude, o largo arco referido, mas com uma marcada e assumida objectividade de finalização, a das grandes linhas de investigação do projecto. Muito importante. Esta orientação com determinação de fronteiras consolida os conhecimentos, demarca os métodos e levanta as problemáticas nas direcções a investigar e a questionar.

Pode e deve-se, por isso, perguntar pelas linhas de enquadramento aí relevadas. São cinco as preocupações a que se procura resposta. Conseguir um estado da arte actualizado de um ponto de vista crítico-rectificativo, ou seja, contendo aportações de melhoria conceptual e problematizante. Depois, analisar os actores sociais nos diferentes momentos e espaços dos processos de civilização. Em terceiro plano, determinar um campo de análise sócio-cultural. A quarta preocupação propõe uma abertura aos actores sociais para lá do mundo da corte, abrangendo outros mundos, paralelos ou, mesmo, antagónicos. E, a finalizar, a quinta, sobre o campo da cultura,

que se quer com uma maior espessura resultante de uma fusão entre o material e o imaterial. Os resultados destas preocupações ficaram à vista na qualidade do livro.

António Camões Gouveia
CHAM, NOVA-FCSH
acg@fcsb.unl.pt